

EMPREENDEDORISMO EM CENÁRIOS COMPLEXOS: UMA VISÃO DA REALIDADE ATUAL E FUTURA NO BRASIL A PARTIR DE ANÁLISE COMPARATIVA

Cristiano Guimarães Machado

Centro Universitário UNA (UNA), Belo Horizonte, MG, Brasil.
E-mail: <cristianogmbh@hotmail.com>.

Diogo Batista de Freitas Cruz

Universidade FUMEC (FUMEC), Belo Horizonte, MG, Brasil.
E-mail: <diogo@grupoatus.com.br>.

Flavia Braga Chinelato

Universidade FUMEC (FUMEC), Belo Horizonte, MG, Brasil.
E-mail: <flaviachinelato@gmail.com>.

Luiz César Fernandes da Silva

Centro Universitário UNA (UNA), Belo Horizonte, MG, Brasil.
E-mail: <luizcesarfs@gmail.com>.

RESUMO

Administrar as complexidades de 2015 tem sido uma das principais preocupações das empresas, de seus profissionais e, especialmente, de seus principais representantes, os proprietários. Embora esta seja uma preocupação geral, são as micro, pequenas e médias empresas as mais fragilizadas em cenários de crise. No entanto, antagonicamente, a abertura de novas empresas representa uma alternativa a muitos profissionais nestes períodos. Neste sentido, o presente trabalho teve como objetivo discutir possíveis perspectivas para o empreendedorismo no Brasil a partir de 2015, considerando a análise do comportamento das variáveis relacionadas ao empreendedorismo no país em um cenário de cenário de complexidades análogas, encontrado no período da crise financeira de 2008. Os resultados encontrados apontam uma tendência ao aumento do empreendedorismo inicial em cenários de crise, sendo a escassez de emprego o potencial motivador. Por meio de análise das publicações da *Global Entrepreneurship Monitor* – GEM, constatou-se ainda uma aparente relação entre o empreendedorismo por oportunidade e a taxa de empreendedores estabelecidos. Assim, uma das principais complexidades a serem administradas no atual cenário brasileiro é a percepção das oportunidades, uma vez que os empreendedores por necessidade possuem maior propensão à descontinuidade da atividade.

Palavras-chave: Empreendedorismo, crises econômicas e financeiras, Taxas de empreendedores.

1 INTRODUÇÃO

Administrar cenários complexos, tal como se apresenta o cenário de 2015, tem sido uma das

principais preocupações das empresas, de seus profissionais e, especialmente, de seus proprietários.

Embora esta seja uma preocupação de todas as empresas, são as micro, pequenas e médias empresas as mais fragilizadas em períodos de crise.

No entanto, antagonicamente, a abertura de novas empresas representa também uma alternativa a muitos profissionais nestes períodos. Logo, a complexidade dos indicadores do empreendedorismo se torna ainda maior, exigindo uma profunda análise de suas variáveis.

O empreendedorismo tem se mostrado a cada dia como um tema relevante e amplamente explorado, especialmente devido às suas diversas interfaces com variáveis econômicas e sociais, tais como os índices de desenvolvimento econômico, a taxa de desemprego, perfis profissionais, entre outras (GEM, 2013).

Diversos trabalhos buscam explorar tanto as perspectivas teóricas como as análises práticas deste fenômeno, na tentativa de compreender sua relação e possível influência sobre os diversos aspectos supracitados.

Em períodos de cenários econômicos complexos, nos quais a perspectiva do emprego formal tende a reduzir (ÉSTHER, 2014), o empreendedorismo se apresenta como uma opção aparentemente “milagrosa” para a manutenção da renda familiar. Todavia, é necessário que se faça uma análise das variáveis e resultados desta atividade em períodos de crise, para que sejam identificadas as reais oportunidades e ameaças inerentes a este cenário.

Neste sentido, o presente trabalho teve como objetivo central discutir possíveis perspectivas para o empreendedorismo no Brasil a partir de análise de cenário de complexidades análogas no período da crise financeira de 2008. Para alcançar tal objetivo, buscou-se analisar as complexidades previstas ao cenário atual e futuro e suas fundamentações; identificar, a partir de dados secundários, o comportamento das principais variáveis inerentes ao empreendedorismo no Brasil no período da crise financeira de 2008, bem como nos períodos pré-crise e pós-crise; e por fim, propor analogias que reflitam possíveis perspectivas para o futuro do empreendedorismo no Brasil.

Diante da enorme expectativa dos desdobramentos econômicos, financeiros e, consequentemente, sociais previstos com a crise de 2015, o presente trabalho assume relevância em função de sua exploração de cenário comparativo, que propicia a inferência de perspectivas inerentes ao empreendedorismo no Brasil. Tal relevância configura-se pela discussão e análise dos principais dados do empreendedorismo no Brasil

em cenário de crise, proporcionando uma contribuição teórica e prática ao estudo e processo de estruturação de novos negócios.

2 EMPREENDEDORISMO

Segundo Martens (2007) o empreendedorismo tem sido reconhecido como um campo de estudo há cerca de 25 anos, apesar de ter surgido este termo a partir do uso do termo *entrepreneur* na França, no século 12. Mas é há pouco tempo que o seu desenvolvimento tem sido mais substancial.

O empreendedorismo para Drucker (1985) é considerado uma prática, não uma ciência ou arte. Jansn e Van Wees (1994) complementam que não deve ser considerado um dom, e sim uma atitude de fazer e conduzir.

Hisrich e Peters (2004, p. 29) entendem empreendedorismo como “o processo de criar algo novo com valor dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e independência econômica e pessoal”.

Segundo Bancheret al (2012), o empreendedorismo não se caracteriza somente por inovações e criação de conceitos, mas também pela iniciativa de se unir talentos, ideias, conhecimento e recursos em prol da criação, renovação ou inovação de mecanismos dentro ou fora de uma organização pré-existente.

Conforme Martens (2007) existem dois enfoques para definir o empreendedorismo. O primeiro seria a partir da perspectiva dos economistas. Neste sentido os empreendedores eram associados a inovadores e Joseph Schumpeter é uma referencia nesta linha. Ele define o empreendedor como aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais.

Em outra perspectiva, existem os comportamentalistas que se concentram nas características de comportamento empreendedor, tais como criação e intuição. Dentro desta linha segundo Martens (2007) o autor Clelland (1972), aponta que como um dos traços mais importantes do empreendedor a motivação de realização ou impulso para melhorar. Em seus estudos ele discutia o motivo que levava algumas sociedades a serem

mais dinâmicas que outras. Concluiu que as normas e valores que prevalecem em uma sociedade, especialmente as relacionadas a necessidades de realização, são de vital importância para o seu desenvolvimento. Nesse contexto os empreendedores são os atores que apresentam certas características comportamentais que favorecem tal dinamismo.

Para Martens (2007) estes dois enfoques são complementares, embora sejam diferentes, pois um ressalta as características do processo empreendedor, enquanto o outro se detém em características comportamentais do indivíduo empreendedor.

3 CARACTERÍSTICAS DO EMPREENDEDOR

Jansen e Van Wees (1994) afirmam que o empreendedor é equilibrado, estabelece seu destino e move-se liberalmente entre visões dogmáticas extremas. Dessa forma, considera que é um “indivíduo que se arrisca e dá início a algo novo” (Hisrich&Peters, 2004, p. 26).

Piscopo (2010) destaca que a inovação é uma ferramenta ímpar para os empreendedores, ou seja, representa os meios pelos quais eles entendem as mudanças como oportunidades para novos negócios ou novos serviços (Drucker, 1985).

Para Gimenez et al, (2008) o empreendedorismo é uma ação humana, é um fenômeno complexo que depende de interações entre pessoas e envolve a viabilização e a articulação de recursos de diferentes tipos.

Rossi et al (2014) contribuem afirmando que os empreendedores possuem características pessoais que os diferem dos demais indivíduos da sociedade. Timmonset al (1990) apontam algumas características marcantes dos empreendedores, tais como a autoconfiança; comprometimento; orientação para metas; propensão aos riscos calculados; saber lidar com falhas; assumir responsabilidade; usar recursos; tolerância para ambiguidade e incerteza. Segundo os autores essas características direcionam a maneira de desenvolver seu trabalho, tanto de forma individual, quanto coletivamente. Rossi et al (2014) destacam que estas características durante algum tempo, cunhou-se a imagem do empreendedor como um ator atomizado e individualista, um ser atuante, porém isolado. Segundo os autores, entretanto,

esta visão tem sido bastante criticada em visões como a neoschumpeteriana, geográfica, econômica e a teoria francesa das convenções, pois revelam a permanente interação entre os agentes produtivos, possuindo uma visão coletiva da ação empreendedora, enquanto fenômeno social.

4 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

No Brasil, de acordo com Vale (2014), os grandes empuxos industriais, que tiveram origem, sobretudo, a partir de iniciativas governamentais como por exemplo as implementadas pelo Governo Vargas, estimularam o desenvolvimento de um capitalismo de estado, por meio da criação de grandes empresas de base. Apesar da prioridade reservada ao capitalismo de estado, alguns empreendedores tiveram um papel destacado no processo de industrialização do País.

Antes, Piscopo (2010) disse sobre o surgimento de novos mercados e as mudanças nas preferências dos clientes que tal contexto exige das empresas novas formas para superação dos concorrentes e obtenção de rentabilidade acima da média do setor. Isso no desenvolvimento brasileiro tem sua importância pois tal desenvolvimento gera a mudança e por consequência a necessidade percebida por este autor. Não obstante a ideia de Piscopo (2010) está também a corroboração dada por Bale (2014) que a necessidade por novas formas de superação assim como a obtenção de melhor rentabilidade são fundamentais para o capitalismo industrial brasileiro.

Além do aspecto industrial do empreendedorismo no Brasil, vale ressaltar também a o aspecto cultural do tema no país. Oliveira et al (2013) sugere que ao abordar estudos sobre empreendedores no Brasil, deve-se considerar que a estratificação social marcante no país tem influenciado profundamente aspectos dessa área, sendo, portanto, necessário reconhecê-la para compreender como esse fenômeno ocorre no país. Tal afirmação demonstra o grau de participação que o empreendedorismo tem alcançado no Brasil e não somente a participação em volume mas também em termos de importância, já que ele tem alcançado áreas tão delicadas como a apontada por este autor.

Sendo assim, nota-se que as discussões sobre o assunto no Brasil, desde início no período de industrialização, até em tempos atuais que se discu-

te sobre empreendedorismo feminino, intra-empreendedorismo, empreendedorismo social, entre outros, só faz crescer assim como a necessidade de estudos aprofundados sobre o assunto.

5 A CRISE FINANCEIRA DE 2008: A TRANSFORMAÇÃO DO CONTEXTO ECONOMICO E O SUBPRIME

A partir da década de 1990, transformações ocorridas nos mercados financeiros e comerciais com base no ideário de liberalização desses, transfiguram o cenário no âmbito econômico Mundial.

Nesse ideário, se intensificaram as medidas de desregulamentações que tinham por finalidade, o aprofundamento das relações comerciais, financeiras, produtivas e tecnológicas, em nível global, o que possibilitou a expansão do crédito e o aumento das aplicações financeiras por meio das novas modalidades das “reengenharias financeiras virtuais”, que passa centralizar o capital, apoiado na valorização global das Bolsas. (Belluzzo & Carneiro, 2003).

Tal articulação possibilitou a expansão do sistema de financiamento imobiliário americano em direção a operações de maior risco associadas ao grupo *subprime*.

A expressão *subprime* está referida a um enorme contingente de tomadores, até então excluídos do mercado de crédito. Esse grupo incluía tomadores sem histórico de crédito ou comprovação de renda, contudo com bom histórico de pagamento e até mesmo tomadores de crédito com registros de inadimplência. (...) A transformação de operações de crédito extremamente arriscadas em títulos bem avaliados por agências de classificação de risco respeitadas resultou em um aumento significativo da oferta de crédito (...). A demanda por novas hipotecas (que poderiam ser securitizadas e distribuídas a instituições financeiras não bancárias) estimulou o crescimento do setor de construção civil (Ferraz, 2013, p. 10).

Em síntese, nota-se que a criação e transmissão das hipotecas *subprime* resultou-se do processo de intensificação da concorrência bancária e financeira, a partir da internacionalização dos mercados financeiros, em meados dos anos 1990 e que, no decênio seguinte, vivificou um modelo de crescimento do consumo baseado no

crédito fácil e com baixa taxa de juros, a *priori* (excesso de liquidez), respaldado pela valorização crescimento dos preços no mercado imobiliário americano. Tal processo permitiu a elevação do consumo das famílias a despeito do modesto crescimento da renda e do emprego. Todavia, uma vez que as firmas e as famílias, ao se endividarem, não conseguissem rolar a dívida, tornariam insolventes e perderiam seus imóveis.¹

6 OS DESDOBRAMENTOS DA CRISE: “AS BOLHAS”

Considerada oficialmente instalada no cenário internacional em agosto de 2007, os desdobramentos da crise refletem até os dias atuais. Tendo sido diagnosticada pelo Banco Central norte-americano, o FED, e outros bancos centrais, principalmente dos países desenvolvidos, como um problema restrito às instituições que haviam se envolvido com créditos hipotecários de alto risco (*subprime*), acreditava-se, uma injeção de liquidez, combinada com um movimento de redução dos juros, seria mais do que suficiente para corrigir. Este foi o caminho inicial seguido pelo FED e outros bancos centrais, mas não deu certo: a crise avançou, conduzindo o sistema financeiro para uma situação de “derretimento” e a economia “real” para uma prolongada recessão (Gontijo & Oliveira, 2011).

Tal diagnóstico equivocado, deve-se, em bom nível, ao próprio desconhecimento das autoridades, da interconectada e extensa rede financeira global que se formou e de seu poder de multiplicação, via alavancagem das aplicações financeiras. Através dessas novas possibilidades, criou-se e alimentou “bolhas” em determinados ativos, principalmente no de habitação, por meio da expansão descontrolada do crédito e do “efeito-riqueza”, incapazes de se sustentarem ao decorrer do tempo.

Destarte, notou-se que na base dessa crise, lucros extraordinários foram garantidos aos es-

¹ Começa ocorrer uma grande queda do preço dos títulos - não só os do *subprime*, mas nos diversos outros negociados na economia americana, decorrente das expectativas negativas guiando as decisões dos agentes econômicos no mercado financeiro. A partir daí, inicia-se a crise patrimonial, ou seja, o valor dos passivos das instituições financeiras torna-se maior que o valor dos seus ativos, tornando essas instituições insolventes. Nesse momento, tem-se a quebra de diversos bancos como o Lehman Brothers.

peculadores e alguns anos de crescimento para a economia mundial, via mercado imobiliário. Todavia, esse crescimento se deu por meio de ativos “podres” os quais foram securitizados, vendidos e multiplicados pela rede financeira mundial, com o aval das agências de *rating*, responsáveis por avaliar o grau dos riscos envolvidos nos investimentos. Quando ocorreu a queda do preço dos imóveis, a inadimplência dos mutuários aumentou e a base ruiu. As instituições financeiras tornaram-se insolventes, pois estavam descapitalizadas, dado o seu grau de alavancagem para pagar a seus credores. Num “efeito dominó”, as primeiras instituições que começaram a cair arrastaram as demais, inserindo a desconfiança no mercado, o que levou à interrupção do crédito interbancário.

Neste contexto, meras inserções de recursos no sistema não dão respostas, porque, ao imperar a desconfiança sobre a capacidade de pagamento dos que mais precisam de recursos, o dinheiro não direciona a esses, mas sim, vai para os caixas dos que se encontra em melhor posição e em aplicações seguras. Se o crédito retrai, a economia “real” perde forças e segue para a recessão. Foi o que terminou acontecendo. Apesar da mudança tardia que se verificou, com as mudanças de diagnóstico sobre a sua natureza, as iniciativas voltadas para a recapitalização dos bancos e pacotes de estímulo ao investimento produtivo,² a recessão já era uma realidade e a crise já estava/ está estabelecida.

Como toda crise, que nos deixa aprendizado, essa nos apresenta duas lições. A primeira é que a crise, gerada pelo excesso de criação de riqueza financeira em relação a real (e no caso atual disseminada pelo mundo globalizado) costuma cobrar um preço cada vez mais alto para sua solução: que ainda hoje, em 2015, se desconhece sua dimensão. O que se verifica claramente no contexto global é uma recuperação lenta das economias, representando por desemprego, tensões e a exclusão social. A segunda lição, é a de que os governos, em geral, devem sair dela, fragilizados financeiramente, decorrentes dos *déficits* em que incorrem ao tentarem salvar o mercado. O aumento de suas dívidas acaba por não ter a função de redistribuir a riqueza para as camadas menos favorecidas, mas sim, para salvar o mercado de seus “delírios”. Esse **enfraquecimento** financeiro dos Estados limita os

² A nova percepção da crise levou aos governos, principalmente, o americano, a seguir as recomendações das políticas nos moldes Keynesiano, para sair dela. Detalhes: Skidesky (2009).

investimentos dos governos, levando os países a se submeterem a ajustes fiscais e monetários severos, tornando mais difícil sua contribuição para estimular a atividade econômica.

7 BRASIL: 2008-2015: AS COMPLEXIDADES DO CENÁRIO

Assim como na maioria dos demais países Europeus e das Américas, o Brasil não ficou imune à crise. Castillo (2009) observa que a rápida desvalorização cambial³, decorrente da saída de dólares, que se inicia em setembro de 2008, foi o fator mais considerável nos canais de transmissão, sobrepujando outros elementos, tais como, a contração do crédito internacional e a considerável queda dos investimentos diretos estrangeiros ao país e a retração do crédito as famílias pelos bancos brasileiros. No quadro abaixo, verifica-se a Inflação e a Taxa de Juros (Selic) em, 2008-2015.

Quadro1- Inflação, PIB e a Taxa de Juros – Brasil (2008 - 2015)

Ano	2008	2014
Inflação	5,9	6,4
PIB	5,1	0,7
Taxa de Juros (Selic)	13,66	12,75

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do BCB.

O aumento da taxa de juros em 2008, para atração do Capital externo decorrente da fuga desses, contribui para manter a inflação abaixo com o ano comparado (2015). Todavia, pode-se dizer que o cenário não se alterou, aliás, piorou no aspecto do crescimento do PIB e no aumento da inflação. Isso remete a perspectiva maiores elevações na taxa de juros, esse ano, no sentido de conter a inflação, que desestimulará o investimento, reduzindo, ainda mais o PIB. Além disso, há ainda a previsão da manutenção do desaquecimento da economia europeia, não possibilitando melhores perspectivas nas nossas contas externas, sobretudo, nas nossas exportações. Nota-se, no quadro posterior, o *déficit* em nossa Balança Comercial e a grande disparidade dessa conta, com relação ao ano de 2008, quando ainda, efetivamente, as relações internacionais estava mantendo um nível um pouco mais aquecido.

³ No período de 15 de setembro até 15 de outubro de 2008, a depreciação do real foi de 22,7%. Ver: Freitas (2009).

Quadro2 – Contas do Balanço de Pagamento – Brasil em Milhões US\$ 2011-2014

Ano	2008	2014
Saldo Balança Comercial	24.836	-3.956
Saldo em Conta Corrente	-28.192	-91.288
Saldo Balanço de Pagamento	2.969	10.833

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do BCB

O *superávit* de 24 milhões Balança Comercial brasileira, em 2008, é proporcionado pelas *commodities* que representam mais de 50% da pauta dessa conta. Mesmo com a queda do PIB nas economias globais, desde 2008, as *commodities* sustentaram o saldo positivo. A partir de 2013/14, os preços das *commodities* agrícolas e minerais passam a cair o resultado dessa conta transforma completamente.

Setores como o automobilístico, a agricultura e de móveis e eletrodomésticos sentiram a queda em suas vendas e reduziram assim, as produções (Lima & Deus, 2013). Todavia, o setor de mais destaque é o da Construção Civil. Esse é um dos principais setores que elevam o crescimento da economia brasileira. No ano de 2008, com a crise, apresentou um resultado negativo de -0,6/PIB. Em 2014, esse resultado foi de 1,6/PIB, mas decorrente, especialmente, de um conjunto de fatores que vêm de 2011: aumento do crédito, incluindo o apoio dos bancos públicos ao setor produtivo no momento mais agudo da crise financeira de 2009, queda nas taxas de juros, obras públicas - as de infraestrutura dentro do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), habitação, com o Programa Minha Casa, Minha Vida e a redução de impostos.

Em síntese nota-se que o cenário de 2008 para o de 2015, não reflete transformações no sentido de melhorias e de boas perspectivas. No atual ano, a projeção para o crescimento da economia brasileira gira em torno de 0%, com elevação da taxa de juros para maiores patamares do que o de 2008, encarecendo o crédito, aumentando o endividamento e reduzindo o investimento, com a perspectiva de elevação da taxa de desemprego. Entretanto, a elevação da taxa de juros leva a desvalorização do câmbio, que viabiliza as nossas exportações. Contudo, nem com o dólar atual de R\$3,00 (R\$2,33 em dez/2008), há perspectivas de melhoras no saldo da balança comercial, pois a receita principal das nossas exportações, que advém das *commodities*, estão com seus preços continuando a cair.

8 METODOLOGIA

A ciência é, segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 80), “uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”. Desta forma, o objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para os problemas propostos mediante o emprego de procedimentos científicos.

Em face destas considerações, para alcançar o objetivo de discutir e compreender as perspectivas para o empreendedorismo no Brasil diante das complexidades 2015, realizou-se um estudo de cenário análogo com interpretação qualitativa dos dados.

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, além da realização de uma revisão bibliográfica caracterizada pelo levantamento e análise da literatura já publicada em forma de livros, artigos científicos, publicações periódicas e imprensa escrita e eletrônica (GIL, 1991), realizou-se uma análise de dados secundários provenientes dos relatórios da pesquisa Global Entrepreneurship Monitor – GEM.

Com base nos relatórios pesquisados, realizou-se um estudo longitudinal, analisando os principais indicadores inerentes ao empreendedorismo no Brasil no período da crise financeira de 2008. Utilizou-se como referência de análise o período de 2006 a 2010, contemplando os períodos pré-crise, crise e pós-crise para comparação e interpretação das variáveis. Analisou-se ainda dados de 2013, uma vez que representam os últimos dados publicados e o cenário mais próximo da realidade atual do empreendedorismo no Brasil.

Posteriormente, os resultados foram extrapolados ao cenário atual e futuro, considerando a perspectiva de analogia, dadas as características e proporções de cada um dos cenários.

A análise dos dados foi realizada por meio da interpretação qualitativa, pois, apesar da existência de linguagem numérica em virtude dos dados utilizados, nenhum método estatístico robusto foi utilizado, sendo realizada apenas a interpretação de dados por meio de estatística descritiva e análise gráfica.

Quanto à abordagem, este estudo caracteriza-se como descritivo, pois “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população, estabelecendo relações entre variáveis” (GIL, 1991, p. 46).

9 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão apresentados e analisados dados dos relatórios da pesquisa Global Entrepreneurship Monitor - GEM referentes ao período de 2006 a 2010, contemplando os cenários pré-crise, crise e pós-crise. Serão analisados também dados do relatório publicado em 2014, uma vez que representam as informações mais recentes sobre o empreendedorismo no Brasil.

As variáveis consideradas para esta pesquisa foram: a taxa de empreendedores iniciais (TEA); taxa de empreendedores estabelecidos (TEE); taxa de empreendedorismo por oportunidade como percentual TEA bem como a taxa de empreendedorismo por necessidade como percentual TEA. Para todos os casos, serão considerados nesta pesquisa os conceitos definidos pelo GEM em relação às variáveis pesquisadas.

9.1 TAXA DE EMPREENDEDORES INICIAIS (TEA)

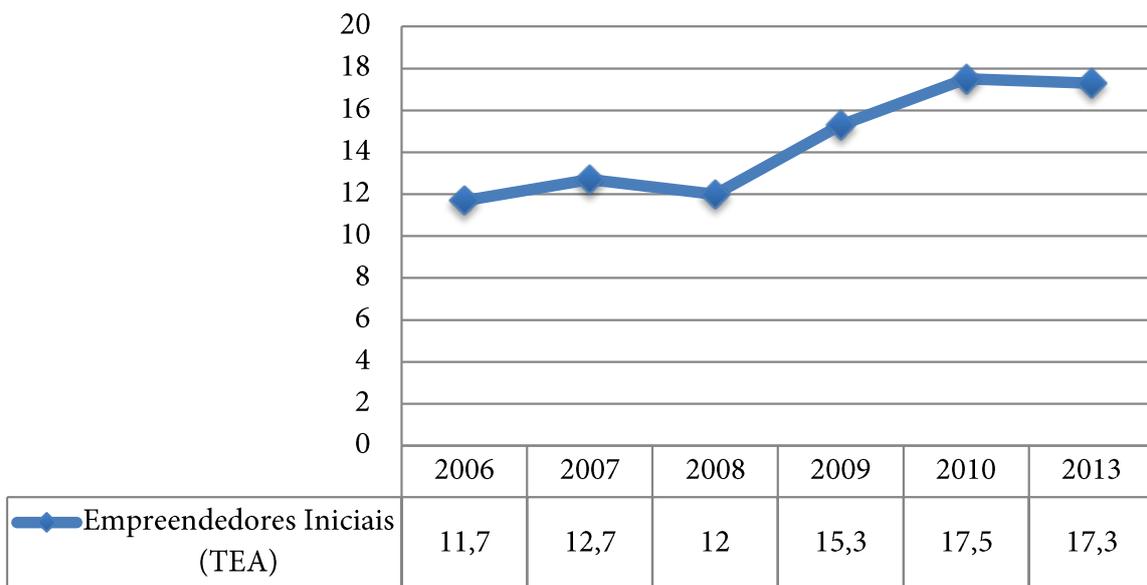
A taxa de empreendedorismo em estágio inicial, TEA, representa a proporção de brasileiros maiores de 18 e menores de 64 anos envolvidos em atividades empreendedoras iniciais. Ou seja, negócios com menos de 42 (quarenta e dois) meses de existência.

De acordo com o relatório GEM (2010), os resultados das pesquisas ano após ano confirmam que quanto menor o grau de desenvolvimento econômico do país, maior é a sua TEA.

O gráfico1 apresenta a curva de evolução da Taxa de Empreendedores iniciais - TEA no Brasil ao longo do período pesquisado, 2006 a 2010, bem como 2013, uma vez que dos dados de 2013 representam a publicação mais recente do GEM.

Gráfico 1 -Taxa de Empreendedores Iniciais (TEA) 2006:2010 e 2013

BRASIL - Evolução da Taxa de Empreendedores Iniciais



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do relatório GEM

A partir do gráfico1 é possível observar uma mudança significativa na curva que representa o empreendedorismo em fase inicial no Brasil a partir do ano de 2008, sendo diagnosticado um claro crescimento iniciado neste período e mantido até o ano de 2010.

Tendo em vista a crise econômica de 2008 e seu impacto no período posterior, pode-se inferir, por meio de uma análise qualitativa, que este crescimento da TEA possivelmente está associado à afirmação apontada pelo relatório GEM

(2010) quanto à relação inversamente proporcional entre a TEA e o grau de desenvolvimento econômico. No gráfico, verifica-se uma acentuada evolução da TEA no período de 2008 até 2010, momento em que a curva inicia um cenário de equilíbrio, apresentando leve tendência de redução, simultaneamente à estabilização e início da recuperação da economia do país.

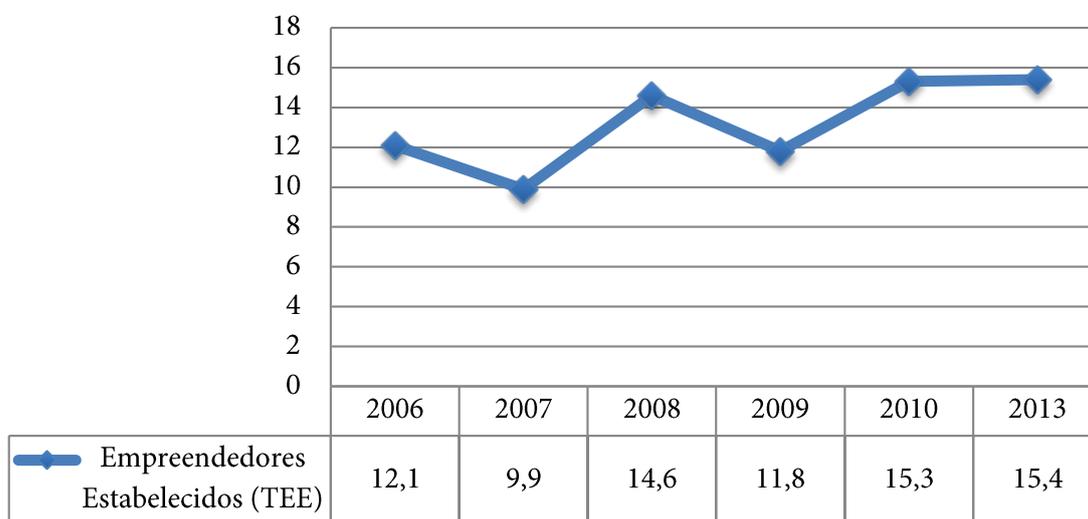
Em análise complementar, observa-se que os efeitos da crise sobre o emprego aumentam significativamente o número de pessoas que bus-

cam novas oportunidades ou outras formas de manutenção da renda, sendo o empreendedorismo uma das principais opções buscadas neste cenário. Neste sentido, esta pesquisa reforça a necessidade apresentada pelo relatório GEM (2009, p. 69) a respeito da importância de se compreender “em que medida o empreendedorismo presta-se como mecanismo para reverter uma tendência de queda na atividade econômica e transformá-la em uma tendência de alta”.

Corroboram as análises realizadas, o ranking de empreendedorismo inicial realizado entre os 69 países pesquisados pelo GEM no ano de 2013. Atualmente, o Brasil encontra-se na 17ª posição no ranking e os Estados Unidos na 26ª posição. Já alguns países da África, como a Zâmbia e a Nigéria, com baixo IDH – Índice de Desenvolvimento Humano e caracterizados por economias de subsistência, apresentam as maiores TEA's. Desta forma, verifica-se a necessidade de uma análise de outras variáveis para compreender a realidade da atividade empreendedora bem como suas variações em cenários de crise.

Gráfico 2 – Taxa de Empreendedores Estabelecidos (TEE) 2006:2010 e 2013

BRASIL - Evolução da Taxa de Empreendedores Estabelecidos



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do relatório GEM

Com base no gráfico 2, observa-se que a taxa de empreendedores estabelecidos não assume um padrão claramente interpretável ao longo do período pesquisado. Houve uma redução no ano de 2007 quando comparado a 2006 e uma elevação em 2008, ano do início da crise financeira. Em seguida, o ano de 2009 apresenta uma nova queda

9.2 TAXA DE EMPREENDEDORES ESTABELECIDOS (TEE)

A taxa de empreendedores estabelecidos, TEE, representa a proporção de brasileiros maiores de 18 e menores de 64 anos envolvidos em atividades empreendedoras não iniciais. Ou seja, negócios que já pagaram salários, geraram pró-labores ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por período superior a 42 (quarenta e dois) meses (GEM, 2013).

Este indicador apresenta-se como um indicador complementar à Taxa de Empreendedores Iniciais - TEA, uma vez que proporciona um diagnóstico do percentual de envolvidos com negócios que, em função de seu tempo de existência, supostamente “deram certo”.

Em relação ao ranking dos empreendedores estabelecidos, o Brasil ocupa, atualmente, a 9ª posição quando comparado aos 69 países pesquisados pelo GEM. O gráfico 2 apresenta a evolução da TEE ao longo do período de 2006:2010 e 2013 no Brasil.

na taxa, seguida de outra elevação em 2010.

Embora não se possa fazer uma afirmação a respeito destas relações, uma provável explicação para o comportamento da TEE não assumir um perfil gráfico semelhante ao da TEA no período de crise e pós-crise é o fato de que os impactos de um cenário de crise são diferentes em cada um destes grupos.

De acordo com os dados pesquisados, a TEA tende a sofrer impactos positivos imediatos em um cenário complexo de crise, uma vez que a atividade empreendedora se apresenta como uma alternativa neste cenário, seja pela identificação de oportunidades, ou ainda, pela necessidade de manutenção da renda. Já a TEE tende a apresentar impactos menos imediatos, com provável redução em períodos de crise, uma vez que negócios com maior nível de instabilidade podem não suportar a austeridade destes períodos. Isto explica a queda do indicador no ano de 2009 e a retomada no ano de 2010, refletindo os empreendedores iniciais de 2006 e 2007 que conseguiram suportar as complexidades dos anos de 2008 e 2009.

9.3 MOTIVAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO INICIAL

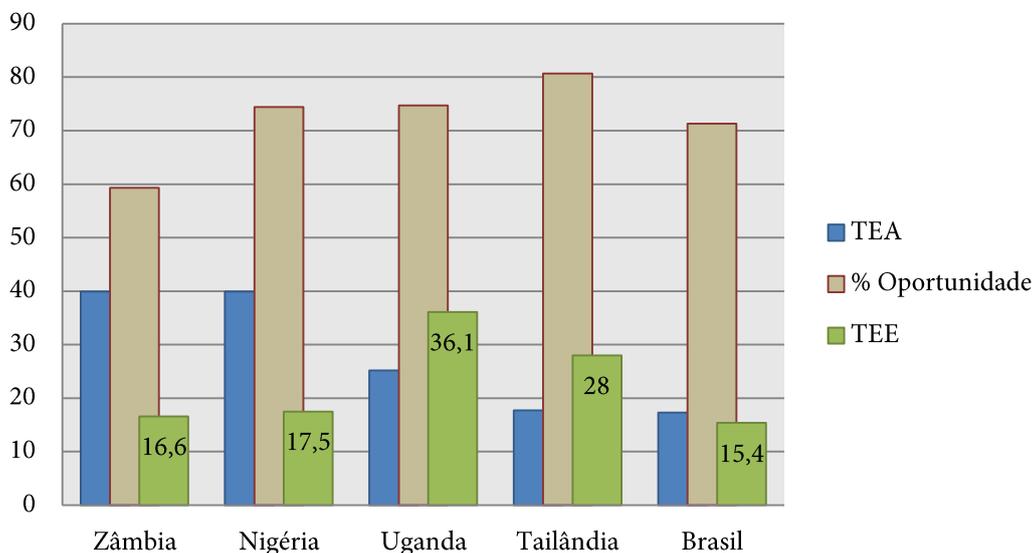
Um dos elementos fundamentais para a análise e interpretação dos dados do empreendedorismo é a motivação. De maneira abrangente, identificam-se duas possíveis motivações ao empreendedor inicial: **necessidade ou oportunidade**.

Para esta pesquisa, empreendedores por necessidade são aqueles que iniciaram a atividade empreendedora em função da ausência de outras opções de renda para si e para a família. Já os empreendedores por oportunidade são aqueles que embora possuam alternativas para a conquista de renda, fizeram a opção de empreender em função da identificação de uma oportunidade de mercado.

Conforme constatado, as maiores taxas de empreendedorismo inicial são encontradas em países com baixo desenvolvimento econômico, devido às dificuldades para a conquista e manutenção de emprego e renda. Desta forma, embora não tenha sido objeto deste estudo uma análise estatística aprofundada para a identificação de causalidade, é possível identificar uma estreita relação entre as variáveis TEA, Motivação para empreender e TEE.

O gráfico 2 apresenta a relação supracitada no ano de 2013, considerando além do Brasil os dois países pesquisados com maior TEA, Zâmbia e Nigéria, bem como os dois países pesquisados com maior TEE, Uganda e Tailândia.

Gráfico 3 - Relação entre TEA, Motivação para empreender e TEE em 2013



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do relatório GEM

Com base na análise gráfica, constata-se que para os casos de TEA's semelhantes há uma maior taxa de empreendedores estabelecidos quando o percentual de motivação por oportunidade é maior. Em uma relação entre Zâmbia e Nigéria, com mesma TEA, observa-se que o percentual de empreendedores por oportunidade é maior na Nigéria e a TEE também é levemente superior.

Ao analisarmos Brasil e Tailândia, o mesmo fenômeno pode ser percebido. Embora as TEA's sejam semelhantes, a Tailândia possui destaque em relação ao percentual de empreendedores por oportunidade bem como na taxa de empreendedores estabelecidos.

Em adição, deve-se considerar na interpretação destes dados que a realidade econômica de

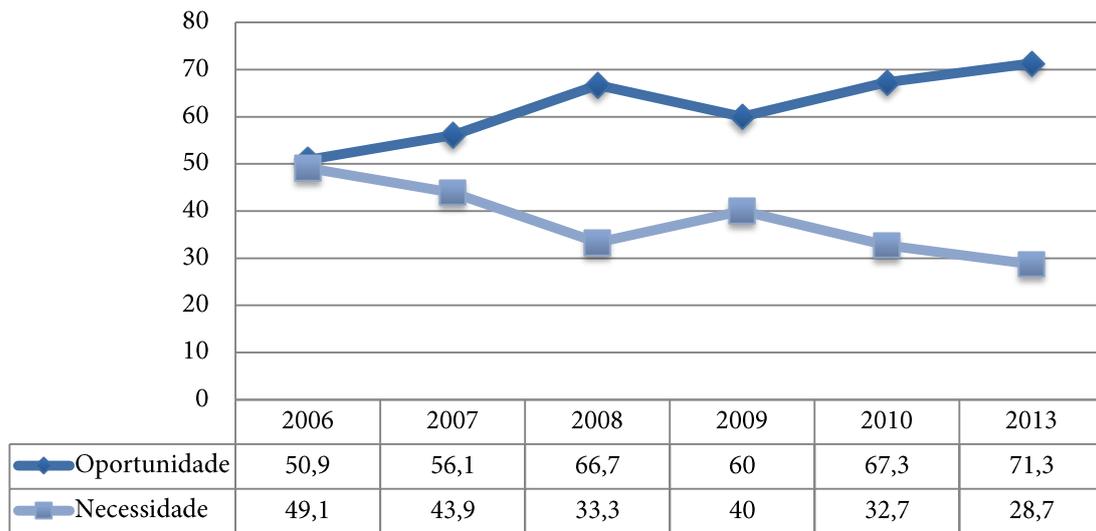
cada nação irá impactar diretamente nos resultados do empreendedorismo. Nos casos de Zâmbia e Nigéria, verifica-se que embora possuam as maiores TEA's e uma taxa de empreendedores por oportunidade superior a 50% as taxas de empreendedores estabelecidos são inferiores a 50%

quando comparadas aos empreendedores iniciais.

Para interpretação da evolução deste cenário no Brasil, o gráfico 4 apresenta as taxas de oportunidade como percentual TEA ao longo do período pesquisado.

Gráfico 4 – Taxas de motivação para empreender 2006:2010 e 2013

BRASIL - Evolução das taxas de oportunidade e necessidade como percentual TEA



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do relatório GEM

Como é possível perceber, os gráficos das taxas de empreendedorismo por oportunidade e empreendedorismo por necessidade representam figuras inversas, uma vez que estas taxas são complementares.

Em uma análise do período pré-crise, verifica-se um crescimento da taxa de empreendedores por oportunidade, iniciado em 2006 e finalizado em 2008. Em 2009, há uma nítida queda do empreendedorismo por oportunidade e, consequentemente, um aumento do número de empreendedores iniciais motivados por necessidade.

Ao confrontarmos estes dados com as análises anteriores, é possível constatar que em cenários econômicos complexos, tais como o da crise financeira iniciada em 2008, há, de fato, uma tendência à evolução da taxa de empreendedores iniciais comumente motivados pela necessidade. O cenário de opções limitadas de emprego e renda orienta à evolução desta taxa em detrimento do empreendedorismo pela identificação de oportunidades.

No que diz respeito ao cenário atual do Brasil, houve uma significativa retomada do empreendedorismo por oportunidade iniciada

em 2010. Os últimos dados publicados, referentes ao relatório GEM (2013), apontam uma taxa de 71,3% de empreendedores por oportunidade. Contudo, a instabilidade econômica prevista para o ano de 2015 e seus possíveis desdobramentos, provavelmente afetarão este indicador, bem como os indicadores TEA e TEE.

Com base em todas as variáveis analisadas nos períodos pré-crise, crise e pós-crise de 2008, e considerando a expectativa de cenário de complexidades análogas para 2015, infere-se como provável diagnóstico neste cenário o aumento da taxa de empreendedores iniciais - TEA para 2015 e 2016. Todavia, observando a tendência encontrada neste estudo, acredita-se também no crescimento da taxa de empreendedores por necessidade, e consequentemente na manutenção da instabilidade da taxa de empreendedores estabelecidos - TEE, uma vez que se diagnosticou uma provável relação entre esta e o empreendedorismo por oportunidade.

10 CONCLUSÃO

O objetivo que direcionou este estudo foi discutir possíveis perspectivas para o empreendedorismo no Brasil a partir de 2015, considerando a análise de cenário de complexidades análogas. Desta forma, considera-se que tal objetivo foi cumprido, de acordo com a metodologia proposta, ao realizar-se uma investigação sobre os principais indicadores do empreendedorismo no período pré-crise, crise e pós-crise de 2008.

No momento em que diversas análises indicam o início de um novo cenário econômico e financeiro de alta complexidade, este artigo buscou contribuir para a compreensão e administração destas complexidades sob a perspectiva do empreendedorismo.

De acordo com os resultados encontrados, o empreendedorismo inicial é, em última análise, a atividade de 17 a cada 100 brasileiros entre 18 e 64 anos. Portanto, representa uma volumosa e significativa parte da população ativa profissionalmente. Este resultado é coerente com o que menciona Bale (2014) ao indicar que a necessidade por novas formas de superação assim como a obtenção de melhor rentabilidade são fundamentais para o capitalismo industrial brasileiro.

Observou-se também que há uma tendência ao aumento da taxa de empreendedorismo inicial em cenários de crise, sendo a escassez de emprego e a necessidade de manutenção da renda potenciais motivadores para o empreendedorismo neste cenário.

Embora não se possa afirmar estatisticamente a correlação das variáveis, constatou-se neste trabalho uma aparente relação entre o empreendedorismo motivado por oportunidade e a taxa de empreendedores estabelecidos. Esta relação aponta para a essência do sujeito empreendedor que, segundo Jansen e Van Wees (1994), é um sujeito equilibrado, estabelece seu destino e move-se liberalmente entre visões dogmáticas extremas. Desta forma, pode-se inferir que uma das principais complexidades a serem administradas no atual cenário brasileiro é a percepção das oportunidades, uma vez que os empreendedores motivados exclusivamente por necessidade tendem a possuir maior propensão à descontinuidade da atividade antes se transformarem em empreendedores estabelecidos.

Como limitações desta pesquisa, foi diagnosticada a ausência de dados sobre o empreen-

dedorismo em outros períodos de crise da história brasileira, o que impossibilita a comparação de outros cenários e a aplicação de análises quantitativas mais robustas.

Sugere-se como continuidade deste estudo, a análise de correlação entre os indicadores do empreendedorismo no Brasil e indicadores econômicos, tais como PIB, taxa de desemprego, índices de exportação e importação, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Relatórios diversos*. Disponível em: www.bcb.org.br
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga. CARNEIRO, Ricardo. *Globalização e Integração Perversa*. Revista de Política Econômica em Foco, n. 1 – maio/ago. 2003.
- BIANCARELI, André Martins. *Liberalização Financeira, Fluxos de Capital, Financiamento Externo: Três momentos de um debate no Brasil (1989- 2002)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da Unicamp. 2003.
- BRANCHER, I. B.; OLIVEIRA, E. M.; RONCON, A. *Comportamento empreendedor: estudo bibliométrico da produção nacional e a influência de referencial teórico internacional*. Internext – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 166-193, jan./jun. 2012.
- CASTILHO, M. (2011). *Impactos da Crise Econômica Internacional Sobre O Comércio Exterior Brasileiro*. In: Crise Financeira Global: mudanças estruturais e impactos sobre os emergentes. Livro 2. Rio de Janeiro: IPEA 2011.
- CHESNAY, François (2008). “El fin de un ciclo. Alcance y rumbo de lacrisisfinanciera”. In: Grupo de Pesquisas Políticas para o Desenvolvimento Humano do Programa de Estudos pós-graduados em Economia Política da Sociedade Brasileira de Economia Política (org.). *Primeiro Dossiê de textos Marxistas sobre a Crise Mundial*. SBEP, p. 14-44.
- DRUCKER, P. F. (1985). *Innovation and entrepreneurship*. New York: Harper & Row.
- ÉSTHER, Angelo Brigato. *Empreendedorismo: Contexto, Concepções e Reflexões*. Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, 8., 2014, Gramado. *Anais...* Gramado: ENEO, 2014.
- FERRAZ, Fernando Cardoso. *Crise Financeira Global: Impactos na Economia Brasileira, Política Econômica e Resultados*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

- FREITAS, M. C. P. *Os efeitos da crise global no Brasil: aversão ao risco e preferência pela liquidez no mercado de crédito*. Estudos Avançados, v. 23, n. 66, 2009.
- FREITAS, M.C.; CINTRA, A.M. *Inflação e Deflação de Ativos a Partir do Mercado Imobiliário Americano*. Revista de Economia Política, vol.28, no 3 (111), pp.411-433, julho-setembro. 2008.
- GIMENEZ, F. A. P., FERREIRA, J. M., RAMOS, S. C.. *Configuração Empreendedora ou Configurações Empreendedoras? Indo um pouco além de Mintzberg*. In: 32 Encontro Anual da ANPAD, 32,2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, ANPAD, 2008.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. *Empreendedorismo no Brasil*. IBQP, 2006-2010; 2013.
- GONTIJO, C. & OLIVEIRA, F. A.. *Subprime: os 100 dias eu abalaram o capital financeiro mundial e os efeitos da crise sobre o Brasil*. Belo Horizonte: 2011.
- Hisrich, R. D., & Peters, M. P. (2004). *Empreendedorismo* (5a ed). Porto Alegre: Bookman.
- Jansen, P. G. W., & Van Wees, L. L. G. M. (1994). *Conditions for internal entrepreneurship*. *Journal of Management Development*, 13(9), 34-51.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- LIMA, T.D & DEUS, L.N. *A crise de 2008 e seus reflexos na economia brasileira*. Revista Cadernos de Economia, Chapecó, v. 17, n. 32, p. 52-65, jan./jun. 2013.
- MACEDOM, A. e PRATES, D. M. *Fluxos de capitais internacionais para o Brasil desde os anos 90*. Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica do Instituto de Economia da Unicamp, 2002.
- MARTENS, C. D. P; FREITAS, H. *Empreendedorismo no nível organizacional: um modelo conceitual para estudo da orientação empreendedora, suas dimensões e elementos*. *Revista Adm. MADE (Universidade Estácio de Sá)*, v. 11, p. 15-44, 2007.
- OLIVEIRA, J. S.; PEREIRA, J. A.; SOUZA, M. C. D. *Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008*. *Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, v. 11, n. 2, p. 7-30, 2013.
- ROSSI, F., SCHMIDT, C.M; ALVEZ, J.K.D; DREHER M.T. *Empreendedorismo Coletivo: a Experiência da Região Oeste do Paraná no Contexto do Turismo Sustentável*. VIII Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. *Anais...* Goiania, 2014.
- SECRETARIA DE POLÍTICA ECONÔMICA. *Relatório de gestão 2009*. Mar. 2010. Disponível em: www.fazenda.gov.br/spe/publicacoes/institucional/relatoriosdegetao/relatoriogestao2009.pdf.
- SILVA, Luiz César Fernandes. *O Investimento Estrangeiro Direto na Economia Brasileira nos anos 90: Expectativas, resultados e diretrizes para a Política Pública*. Dissertação de Mestrado, Fundação João Pinheiro- Escola de Governo. Belo Horizonte (MG), 2009.
- SKIDELSKY, Robert. *Keynes, o Regresso de Mestre*. Tradução Sônia Oliveira. Texto Editores, 2009.
- TIMMONS, J. A. et al. *New Venture Creation: entrepreneurship in the 1990s*. 3rd ed. IRWIN: Homewood, Boston, 1990.
- VALE, G. M. V. *Empreendedorismo, marginalidade e estratificação social*. *Revista de Administração de Empresas*, v. 54, n. 3, p. 310-321, 2014.

Entrepreneurship in complex scenarios: a vision of reality current and future in Brazil comparative analysis

ABSTRACT

Managing the complexities 2015 has been a major concern of companies, its employees and especially of its main representatives, the owners. Although this is a general concern, are the micro, small and medium enterprises the most vulnerable in crisis scenarios. However, antagonistically, the opening of new companies is an alternative to many professionals in these periods. In this sense, this study aimed to discuss possible perspectives for entrepreneurship in Brazil since 2015, considering the analysis of the behavior of variables related to entrepreneurship in the country in a scenario similar complexities found in the period of financial crisis 2008. The results show a tendency to increase the initial entrepreneurship in crisis scenarios, and the lack of job the motivating potential. Through analysis of the Global Entrepreneurship Monitor publications - GEM, it was found still an apparent relationship between entrepreneurship by opportunity and the rate of established entrepreneurs. So one of the main complexities to be administered in the current Brazilian scenario is the perception of opportunities, as entrepreneurs by necessity have higher propensity for discontinuation of activity. **Keywords:** Entrepreneurship, economic and financial crises, entrepreneurs rates.

Endereço para contato:

Flavia Braga Chinelato
Universidade FUMEC (FUMEC)
R. Cobre, 200 - Cruzeiro
CEP 30310-190 – Belo Horizonte, MG, Brasil.

Recebido em 02/06/2015
Aprovado em 10/12/2015
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
Editor-chefe: Claudionor Guedes Laimer